

LEIA AGORA

Para onde vai nossa cultura?

Ações sociais de acesso à cultura existem e, quando colocadas em prática, são eficientes. Mas a burocracia pode estar travando a continuidade dos projetos.

marciopanunzio/Stockphoto.com



Edição

02

Mar-2019

Patrimônio ameaçado

Deixar uma herança cultural e artística às futuras gerações se torna difícil quando a proteção dos museus brasileiros parece estar em segundo plano.

Acesso restrito

Grande parte dos brasileiros nunca viu uma peça de teatro, uma ópera ou uma exposição de arte. O que o Estado pode fazer para mudar essa realidade?

Carreira: Produtor cultural

Conheça a profissão que transforma uma ideia em livro, filme ou em eventos artísticos.

Direção geral

Nicolau Arbex Sarkis

Direção editorial

Sandra Carla Ferreira de Castro

Gerência editorial

Emília Noriko Ohno

Coord. de projeto editorial

Andréa Cozzolino e Brunna Mayra
Vieira da Conceição

Consultoria de desenv. editorial

Caroline Barbosa Lopes do Amaral

Analista editorial

Débora Cristina Guedes

Coord. de licenciamento e iconografia

Letícia Palaría de Castro Rocha

Licenciamento

Vitor Hugo Medeiros

Coordenação de prod. editorial

Marcos Vinicius de Toledo de Oliveira

Coordenação de edição de texto

Anaiza Castellani Selingardi

Edição de texto

Bruno Freitas, Cláudio Leyria, Edilene
Faria, Letícia Paiva e Thaís Inocêncio

Coordenação de revisão

Tamires Maldonado C. de Almeida

Revisão

Maisa Akazawa

Coordenação de arte

Kleber S. Portela e Leonardo Pires

Projeto gráfico

Willyam Gonçalves

Diagramação

Patrícia Aparecida Monteiro



Nesta edição

5 ENTRELINHAS

O PAPEL DO ESTADO E DA SOCIEDADE CIVIL NO FOMENTO À CULTURA

Cultura nem sempre é prioridade nas pautas de investimentos. Diante disso, conhecemos, de fato, a importância dessa área?

7 CONTEXTO

A HORA E A VEZ DOS PROJETOS CULTURAIS DEMOCRATIZADORES

Ações sociais que visam o acesso de crianças e jovens à cultura existem e são eficientes, mas burocracias tributárias atrasam a continuidade dos projetos de um ano para o outro.

10 CARREIRA

CARREIRA: PRODUTOR CULTURAL

Conheça o profissional responsável por organizar e promover projetos culturais, seja um evento artístico, esportivo, de divulgação científica ou até mesmo a produção de um filme.

Editorial

Acesso à cultura

Quando nos propomos a definir o que é cultura, esbarramos no conceito básico dos verbetes de dicionários, que se referem ao conjunto de hábitos de ordem social e religiosa, às manifestações intelectuais e artísticas próprias de um agrupamento de pessoas, desde um bairro até um país. Essa riqueza de saberes e as normas de conduta têm suas marcas próprias, que identificam a comunidade que as produz.

O mundo moderno está, a todo momento, buscando novas formas de entender como se dá o funcionamento da cultura. Após a Segunda Guerra Mundial, a Unesco (braço educacional, científico e cultural da ONU) decidiu analisar a fundo a importância da cultura e logo descobriu que o ser humano é naturalmente voltado ao aprendizado até o último dia de sua vida (não apenas no período acadêmico). Esse processo de aprendizagem o faz desejar evoluir e rever conhecimentos já estabelecidos. A sede de otimizar técnicas e normas o levam a conhecer outras culturas e também a propagar a sua.

Em 1993, a Unesco buscou definir como deveria ser a educação no século XXI. Essa nova empreitada ficou a cargo de Jacques Delors, ex-ministro da Economia francês. Segundo o Relatório Delors, não basta o repasse de um grande volume de conhecimento para evoluir uma sociedade, pois o conteúdo será perdido se o ser humano não for preparado para absorvê-lo. Dessa maneira, o relatório prega uma educação apoiada nas artes, que ensine uma pessoa a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Mas o que fazer para que todos queiram consumir bens culturais? Levar cultura para toda a população depende justamente das preferências de cada um e de meios para que todos possam manifestar o que aprendem (o desejo de passar o aprendizado adiante). Essa é a base da democratização da cultura, que exige esforços, principalmente do poder público. Esse é o tema da seção “Contexto” desta edição.

As outras páginas desta edição trazem diferentes abordagens do assunto. A seção “Entrelinhas” analisa textos que discutem o papel do Estado e da sociedade no fomento à cultura. No “Toque do Especialista”, temos noções da importância dos intercâmbios culturais. A carreira profissional deste mês é a de produtor cultural. O “Parêntese” traz uma reflexão sobre a importância dos museus na preservação da identidade de uma nação. Por fim, o “Mosaico” conduz a uma análise da tradicional festa do Dia dos Mortos motivada pela animação *Viva – a vida é uma festa*. Boa Leitura!

Destaque

Unesco lança o Ano Internacional das Línguas Indígenas

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) lançou, nessa segunda-feira (28), em Paris, o Ano Internacional das Línguas Indígenas, para alertar sobre a necessidade de preservação desses dialetos. Segundo a organização, a grande maioria está desaparecendo. “Sem a medida adequada para tratar dessa questão, mais línguas irão se perder, e a história, as tradições e a memória associadas a elas provocarão uma considerável redução da rica tapeçaria de diversidade linguística em todo o mundo”, atestou a entidade internacional, em nota.

29 jan. 2019 – Portal Governo do Brasil

Incêndio no centro de treinamento do Flamengo deixa dez mortos

Um incêndio no centro de treinamento do Flamengo, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, deixou dez mortos e três feridos na madrugada de hoje (8). Equipes de órgãos de segurança pública trabalham no local, conhecido como Ninho do Urubu, que fica no bairro da Vargem Grande. As chamas atingiram principalmente os alojamentos onde dormiam os jogadores de base do time. O governo do Rio de Janeiro decretou luto de três dias em homenagem às vítimas e determinou uma investigação minuciosa das causas do incêndio. A Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj) cancelou toda a rodada do Campeonato Carioca.

8 fev. 2019 – Agência Brasil

Lula é condenado a 12 anos e 11 meses de prisão em nova ação

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi condenado, nesta quarta-feira (6), a 12 anos e 11 meses por corrupção e lavagem de dinheiro no processo da Lava Jato que apura se ele recebeu propina por meio da reforma de um sítio em Atibaia (SP). A defesa de Lula diz que recorrerá da decisão. A sentença da juíza substituta Gabriela Hardt, da primeira instância, é a segunda que condena Lula na Operação Lava Jato no Paraná. Cabe recurso. Outras 12 pessoas foram denunciadas no processo. O ex-presidente está preso desde abril de 2018 em Curitiba, onde cumpre pena de 12 anos e 1 mês pelo caso do triplex no Guarujá (SP).

6 fev. 2019 – G1

Ricardo Boechat morre em acidente de helicóptero

O jornalista Ricardo Boechat, do Grupo Bandeirantes, morreu aos 66 anos em um acidente de helicóptero nesta segunda-feira (11), na Rodovia Anhanguera, em São Paulo. O piloto, Ronaldo Quattrucci, tentava fazer um pouso de emergência quando a aeronave foi atingida por um caminhão; o piloto também morreu no acidente.

11 fev. 2019 – UOL

Minas e Energia investiga rompimento de barragem

O Ministério de Minas e Energia determinou a instauração de processo administrativo para obter informações referentes ao rompimento da barragem da mineradora Vale, na mina Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG), no último dia 25. Até ontem (10), a tragédia em Brumadinho contabilizava 165 mortos e 160 desaparecidos, entre funcionários da mineradora, terceirizados que prestavam serviços à Vale e membros da comunidade. Há ainda 138 pessoas desabrigadas e duas permanecem hospitalizadas – 17 dias após o rompimento da barragem.

11 fev. 2019 – Agência Brasil

MIRA ESTO!

La Unión Europea, México y Uruguay buscan salidas al laberinto venezolano

La Unión Europea y varios países latinoamericanos, encabezados por Uruguay y México, ensayarán un ejercicio de funambulismo de alto riesgo. El objetivo principal consiste en propiciar un diálogo político en Venezuela que evite opciones violentas. La oposición, encabezada por Juan Guaidó, reconocido ya como presidente interino por numerosos gobiernos extranjeros, rechazan todo diálogo porque, dice, solo supondría "alargar el sufrimiento del pueblo". Los países piden al Ejército de Venezuela que deje de respaldar a Maduro.

7 fev. 2019

El País
MADRID

Todas as notícias foram adaptadas e todos os sites foram acessados em 13 fev. 2019.

Uma das salas do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, que foi devastado por um incêndio em 2 de setembro do ano passado. O incêndio destruiu cerca de 20 milhões de itens que contavam parte significativa da história do país. A Universidade Federal do Rio de Janeiro lançou edital para a escolha da empresa que ficará responsável pelo projeto de reforma da fachada do museu, cujo valor deverá ficar um pouco acima de R\$ 1 milhão. O museu deverá fazer este ano uma mostra com as peças que sobraram.

12 fev. 2019 – Agência Brasil



O papel do Estado e da sociedade civil no fomento à cultura

Cultura nem sempre é prioridade nas pautas de investimentos. Diante disso, surge a dúvida: conhecemos, de fato, a importância dessa área?

TEXTO 01

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

[...]

III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural;

V - proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 85, de 2015)

[...]

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. p. 292.

TEXTO 02

Na reta final da composição de seu governo, o presidente eleito, Jair Bolsonaro [...] criou um ministério turbinado para a área social, batizado de Cidadania, entregue a Osmar Terra. [...]

Terra, que já foi ministro de Desenvolvimento Social no governo de Michel Temer, assumirá uma estrutura à qual foi somada a gestão de Esporte e Cultura. Ficará sob seu comando a gestão de programas sociais de relevância, como o Bolsa Família.

FERNANDES, Talita; MARQUES, José. "Bolsonaro extingue Cultura e Esportes e deixa ministérios de Mulheres e Direitos Humanos para depois". *Folha de S.Paulo*, 28 nov. 2018. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/bolsonaro-extingue-cultura-e-esportes-e-deixa-ministerios-de-mulheres-e-direitos-humanos-para-depois.shtml>.

Acesso em: 19 fev. 2019.

03 TEXTO

Consumo de cultura pelos brasileiros

66%
nunca foram a um concerto



37%
nunca foram ao teatro



21%
nunca entraram em uma biblioteca



30%
nunca visitaram um museu



nidwiv/iStockphoto.com

Levantamento feito pelo Datafolha em 12 capitais brasileiras.

Porcentagem de pessoas que nunca participaram das atividades listadas de acordo com a classe social

Dos entrevistados de classe A, 38% nunca foram a um concerto, 14% nunca foram ao teatro; 6% não entraram em uma biblioteca; e 6% não conhecem um museu. Dos entrevistados de classe D/E, 82% nunca foram a um concerto, 62% nunca entraram em um teatro; 41% não conhecem uma biblioteca; 55% não visitaram nenhum museu.

Fonte: LEIVA, João; MEIRELLES, Ricardo (Org.). *Cultura nas capitais - como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte*. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018. p.29 e 45. Disponível em: <www.jleiva.co/cultura-nas-capitais>. Acesso em: 19 fev. 2019.

A cultura marca a identidade de um povo. São os elementos culturais que caracterizam a população de um certo espaço e geram a sensação de pertencimento. A cultura é multifacetada, complexa e ampla. Ela envolve desde aspectos simples do cotidiano, como *hobbies*, até religião. Compreender e, mais do que isso, incentivar e preservar a cultura é um desafio para os governos e para a sociedade civil. Mas qual o papel de cada um deles na preservação e disseminação da cultura?

O primeiro passo para responder a essa questão é entender que o direito à cultura é de todos. É constitucional. O Texto 1 mostra isso claramente ao trazer trechos da Constituição Federal de 1988 que dissertam sobre a cultura. O Artigo 215, por exemplo, traz essa garantia e assegura o apoio e o incentivo às manifestações culturais. Além disso, o Artigo 23, também exposto no Texto 1, mostra o dever dos governos (da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios) de garantir o acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação; bem como de proteger obras e bens de valor histórico artístico e cultural. A partir disso, é possível começar a pensar sobre o papel de cada um na construção de políticas públicas que cumpram esses direitos constitucionais.

Uma das formas de garantir o acesso à cultura por todos, é por meio de órgãos que cuidem especificamente desse assunto. Para isso, foi criado, em 1985, o Ministério da Cultura, responsável por garantir e disseminar as diferentes formas de expressão da cultura nacional, bem como zelar pelo patrimônio histórico do Brasil.

No final do ano passado, com a eleição do novo governo, o Ministério da Cultura (MinC) esteve bastante na mídia, já que o presidente Jair Bolsonaro propôs a junção do MinC com o Ministério do Esporte e o Ministério do Desenvolvimento Social, dando origem ao Ministério da Cidadania, conforme relata o Texto 2. As notícias sobre esse novo Ministério vieram acompanhadas de muitas críticas, pois, para algumas pessoas, isso representa um retrocesso para a já pouco preservada cultura do país.

Ao trabalhar esse segundo texto, podemos discorrer sobre os prós e contras da junção dos ministérios e desenvolver o tema de acordo com essas informações. Como pontos positivos, o governo defende que, com a medida, haverá uma redução nos gastos com os ministérios; além disso, garante que o Ministério da Cultura não tem nenhuma ocupação que não possa

ser assumida por outro ministério. Já as críticas citam como pontos negativos o fato de que a cultura brasileira ainda é pouco disseminada e que quase não se fala em preservação do nosso patrimônio cultural, a exemplo dos incêndios no Museu Nacional (Rio de Janeiro), em 2018, e no Memorial da América Latina (São Paulo), em 2013 – afirma-se que ambos poderiam ter sido evitados, caso houvesse mais controle e fiscalização sobre a preservação das suas instalações.

Todas essas discussões reforçam uma questão principal: a importância de democratizar o acesso à cultura. No Brasil, a desigualdade cultural ainda é bastante evidente. Esse fato é corroborado pelo Texto 3, um infográfico que traz um levantamento feito pelo Datafolha, em que foram retratadas algumas características do consumo de cultura pelos brasileiros de 12 capitais do país. O infográfico mostra a quais tipos de cultura os entrevistados nunca tiveram acesso, fazendo um recorte por classe social. Ao analisar esses dados, percebemos que essa exclusão é impactada diretamente pelo nível social, o que demonstra a importância e a urgência da atuação do governo com políticas e subsídios para transformar esse cenário, pois, se o problema já é bastante acentuado nas capitais, tende a se intensificar ainda mais no interior.

Estimular atividades culturais e garantir o acesso a todos, principalmente aos cidadãos das classes menos privilegiadas, é de extrema importância para o país. Esse é um assunto que deve integrar as pautas do desenvolvimento, pois apenas um país que preserva a sua história é capaz de avanços reais. E a cultura é algo essencial à história de um povo. O termo cultura vem do latim *colere*, que significa “cultivar”, e demonstra a importância de guardar e preservar a história e as características de determinados povos. Garantir o acesso à cultura é algo desafiador e elaborar políticas que incentivem e que protejam a cultura de um país e toda a sua diversidade é um grande desafio para o governo, mas só assim é que um país torna-se, de fato, desenvolvido.

Com essas informações, que tal ampliar a discussão e fazer um texto dissertativo sobre a importância do Estado na manutenção da identidade cultural de um povo? Você também pode explorar em seu texto como essa questão é tratada em outros países. Para isso, acesse outras fontes de informação e lembre-se de que todo o conhecimento adquirido por você até aqui compõe sua base de conhecimento para escrever. Boas produções!

A hora e a vez dos projetos culturais democratizadores

Ações sociais que visam ao acesso de crianças e jovens à cultura existem e, quando colocadas em prática, são eficientes, mas burocracias tributárias atrasam a continuidade dos projetos de um ano para o outro.

POR SERGIO ANDREUCCI

A sociedade ainda não tem uma percepção clara de que a difusão cultural é de extrema importância para o desenvolvimento social, político e econômico das pessoas. Há quase três décadas de vigência do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, mas ainda discutimos a real efetividade do Estatuto nos dias atuais, em especial o quanto as políticas públicas de acesso à cultura garantem a efetividade de projetos socioeducativos voltados a crianças e adolescentes.

No Brasil existem milhares de projetos sociais, principalmente, projetos socioeducativos que tratam da inclusão e educação de crianças e adolescentes. São ações lideradas, na sua grande maioria, por ONGs e OSCIPs, que dependem do recebimento de doações, verbas governamentais provenientes de convênios, recursos públicos de editais e, principalmente, recursos financeiros oriundos de leis de renúncia fiscal, em especial da Lei Federal de Incentivo à Cultura (a Lei Rouanet), além de outras leis de âmbito estadual e municipal.

Grande parte dos projetos socioeducativos se baseia na inclusão e educação de crianças e adolescentes por meio de ações complementares ao ciclo básico de ensino. Crianças e adolescentes, além de cursarem a escola, participam desses projetos na parte da manhã ou da

tarde, algumas vezes utilizando o próprio espaço físico da escola ou em locais próprios de ONGs e OSCIPs.

A música, o teatro, a dança, as artes plásticas, o esporte, entre outros, fazem parte de uma rotina que, por meio de práticas lúdicas e do aprender brincando, auxiliam no desenvolvimento e acabam trazendo um complemento fundamental para a formação do caráter, da cidadania e da sociabilização desses educandos.



Projetos de aprendizados culturais variados ajudam na formação do indivíduo.



O grande problema não está nos formatos dos projetos e sim na sua continuidade, pois o sustento da maioria deles depende diretamente de recursos de empresas patrocinadoras que se utilizam exclusivamente de leis de incentivo à cultura via renúncia fiscal. A Lei Rouanet responde ao calendário do ano fiscal, ou seja, o projeto começa mais ou menos no mês de março, após a sua publicação no *Diário Oficial* e posterior captação dos recursos via patrocínio de empresas. O projeto é executado de março até o mês de dezembro, interrompe as suas atividades para prestação de contas do período correspondente e, na sequência, o proponente deverá ingressar novamente com um novo projeto junto à Secretaria Federal da Cultura (antigo Minc). O fato é que não existe uma certeza de retorno do projeto, pois nem sempre o patrocinador tem condições tributárias para utilizar o benefício da renúncia fiscal ou a Secretaria Federal da Cultura responde com rapidez.

A burocracia e a dependência de utilização de parte dos impostos, pelas empresas, torna inviável e totalmente insegura a continuidade desses projetos. No que diz respeito às outras leis de apoio à cultura via renúncia fiscal, tanto do âmbito estadual quanto municipal, o contexto é ainda pior, pois as condições burocráticas são mais severas, devido ao tempo curto de execução do projeto (mais ou menos de maio a dezembro), além dos valores destinados serem muito inferiores aos oferecidos pela lei federal.



Aulas artísticas contribuem para a expressão dos jovens.

Diante desse cenário podemos resumir algumas importantes reflexões merecedoras de atenção e atitude, tanto por parte do Estado, quanto por parte das empresas patrocinadoras e proponentes:

- A existência e continuidade de grande parte dos projetos socioeducativos com crianças e adolescentes dependem diretamente do apoio da Lei Federal de Incentivo à Cultura;
- O patrocínio de empresas a projetos socioeducativos voltados a crianças e adolescentes somente ocorre quando o recurso financeiro é proveniente da utilização de parte do imposto a pagar por meio de renúncia fiscal do governo;

“A maioria dos projetos socioeducativos “de sucesso”, escolhidos por empresas e patrocinados pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, é vinculada a personalidades conhecidas na mídia.”

- Não existe garantia de continuidade de projetos socioeducativos com crianças e adolescentes apoiados pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, o que gera grande instabilidade para os profissionais do projeto, educadores, educandos e comunidade;
- Os resultados pedagógicos, culturais e de inserção social de crianças e adolescentes não são plenamente alcançados em projetos de curta duração;
- Não existe um acompanhamento *in loco* de educadores e técnicos do Estado durante a realização dos projetos socioeducativos apoiados pela Lei Federal de Incentivo à Cultura;
- A maioria dos projetos socioeducativos “de sucesso”, escolhidos por empresas e patrocinados pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, é vinculada a personalidades conhecidas na mídia.



Para sua efetividade, projetos socioeducativos necessitam de mais apoio e incentivo.

A cultura brasileira é transformadora e, no território nacional, temos milhares de artistas, educadores e bons projetos socioeducativos espalhados por todos os lados. Por isso, é possível acreditar em uma maior democratização e em melhores possibilidades de sobrevivência desses projetos. O acesso às Leis de Incentivo à Cultura é fundamental para a maioria dos brasileiros, artistas e educadores que não têm condições financeiras de realizar, educar e expor a sua arte. Porém essa é apenas uma parte da responsabilidade, uma vez

TOQUE DO ESPECIALISTA

POR SUSAN TAVARES

O enriquecimento cultural quando se aprende um idioma em outro país

Atualmente, muito se diz sobre a importância de se falar uma outra língua, com o objetivo de ter crescimento pessoal e profissional. Seja ela inglês, mandarim, francês, alemão, espanhol ou qualquer outra, é essencial dedicar um tempo para aprendê-la.

O aprendizado mais eficaz de um novo idioma se dá por meio de vivências, nas quais o que é ensinado é colocado em prática. Mas nem sempre temos oportunidades de praticar o idioma em situações reais no país onde a língua estudada não é falada.

E aí, como fazer?

Muitas pessoas decidem viajar para estudar um novo idioma. O enriquecimento cultural que se adquire ao fazer um intercâmbio no país onde o idioma que se está estudando é falado é uma experiência única.

Viajar sozinho para um outro país e conviver com pessoas e costumes diferentes torna o aprendizado muito mais real, pois ele é cheio de experiências (com erros e acertos), que possibilitam absorver várias lições que não são dadas dentro da sala de aula.

O intercambista aprende a lidar com uma série de circunstâncias. Ele pratica a tolerância ao conviver diariamente com um idioma diferente do seu, uma nova cultura com hábitos e pessoas diferentes, que pensam e agem de formas distintas. Além disso, necessita de uma destacada flexibilidade para se adaptar a novos horários, rotina, clima e alimentação diferentes, o que muito pode contribuir para o desenvolvimento pessoal – soma-se a tudo isso a postura de independência ao se tornar responsável pelas próprias decisões e gastos. Esses fatores contribuem muito para desenvolver a autoestima e a autoconfiança, pois é uma vitória lidar com essas situações (muitas vezes inusitadas) e encontrar soluções.

Visitar novos lugares, que muitas vezes tomamos conhecimento somente através de fotos, vídeos e experiências de outras pessoas, é como ver acontecer ao vivo tudo o que já estudamos nos livros de História e Geografia. Buscar os lugares onde as manifestações populares acontecem é ter a oportunidade de realmente se integrar a uma cultura e seu povo, aumentando a bagagem cultural e visão de mundo.

Se você ainda não se arriscou a fazer uma viagem para aprender um novo idioma (ou para consolidar o que já aprendeu), pegue caderno e lápis e comece a se planejar para viver essa experiência única e inesquecível, além de muito enriquecedora!

Os resultados pedagógicos, culturais e de inserção social de crianças e adolescentes não são plenamente alcançados em projetos de curta duração.

que o Estado precisa assumir o seu papel e buscar periodicamente ações que possibilitem e garantam o acesso à cultura de toda a sociedade brasileira.

Por fim, não basta apenas a vontade e as propostas escritas, precisamos de fato ter uma atitude transformadora que possibilite um futuro melhor para o acesso e desenvolvimento dos projetos socioeducativos voltados para as crianças e adolescentes. Infelizmente, a atual política cultural brasileira não atende a sociedade, sendo reduzida à aprovação de projetos nas leis de renúncia fiscal, o que nem sempre é feita sob critérios plausíveis. Essa falta de compromisso com a difusão, formação e preservação da cultura brasileira proporciona um quadro de desigualdades em que apenas algumas organizações e projetos são beneficiados.

Sergio Andreucci é doutorando em Ciências da Comunicação da ECA (Escola de Comunicações e Artes da USP), mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, MBA em Gestão Estratégica de Negócios pela Fundação Getúlio Vargas, especialista em Administração em Marketing pela FECAP, graduado em Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero.



Arquivo pessoal/
Sergio Andreucci

**HA
BILI
DA
DES**

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) estabelece competências e habilidades norteadoras do estudo dos conteúdos exigidos para o Ensino Médio. Por meio do texto “A hora e a vez dos projetos culturais democratizadores”, foram trabalhadas, principalmente, as seguintes competência e habilidade da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias:

C4 – Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

H14 – Reconhecer o valor da diversidade artística e das inter-relações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais e étnicos.

CARREIRA: Produtor cultural

O profissional é responsável por organizar e promover projetos culturais, seja um evento artístico, esportivo, de divulgação científica ou até mesmo a produção de um filme. Nesse cenário, o produtor cultural tem várias possibilidades de atuação, podendo envolver-se tanto na captação de recursos e no processo operacional quanto no gerenciamento e na avaliação dos resultados.

ENTREVISTADA | Louise Oikawa

É bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense (2011) e especialista em Gestão de Pessoas e Projetos Sociais pela Universidade Federal de Itajubá (2016). Tem experiência em produção de festivais de cinema, viagens culturais e cursos de História da Arte. Atuou como consultora na elaboração, gestão financeira e prestação de contas de projetos audiovisuais, de música, de teatro, além de exposições. Coordenou projetos socioculturais em organizações não governamentais que atendem crianças em situação de vulnerabilidade.



Arquivo pessoal/Louise Oikawa

Equipe *Leia Agora*: Quais devem ser os interesses de quem pensa em cursar Produção Cultural? O que é estudado durante a graduação?

É imprescindível ter interesse por arte e cultura em geral, já que são esses os objetos de estudo do curso e as principais ferramentas de trabalho do produtor cultural. Independentemente da área de atuação, sempre haverá interseção com algum tipo de linguagem artística. É essencial também que o profissional tenha sensibilidade, paixão e compromisso em relação à arte, pois sem esses requisitos, por maior e mais apurada que seja sua capacidade técnica e operacional, ele nunca será pleno. Além disso, o produtor cultural deve garantir a democratização da fruição e da produção da cultura, o acesso à informação, e a participação e ocupação dos espaços culturais por parte da sociedade. É necessário, ainda, manter-se atualizado e comprometido de forma ética e responsável com a cultura e a sociedade.

De acordo com o currículo da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde cursei o bacharelado em Produção Cultural, a graduação nessa área tem uma perspectiva interdisciplinar, oferecendo conhecimentos básicos dos vários meios de expressão artística com os quais o produtor cultural irá lidar, além de instrumentalizá-lo em planejamento e administração cultural. Nessa instituição, o curso estrutura-se em três blocos: Teorias da Arte e da Cultura, Fundamentos dos Meios de Expressão e Planejamento Cultural. No primeiro bloco, há disciplinas como Teoria da Arte; Teoria da Cultura; Realidade Socioeconômica e Política Brasileira; e Metodologia de Pesquisa em Cultura, Ética e Estética. No segundo, são oferecidas disciplinas introdutórias e abrangentes dentro de cada linguagem artística, como Fundamentos da Dança; Fundamentos do Teatro; Fundamentos das Artes Plásticas, e Fundamentos da Música. Por fim, as disciplinas do terceiro bloco abordam a criação, o planejamento e a gestão dos projetos culturais, bem como as políticas culturais e a economia da cultura.

Equipe *LA*: Quais são as áreas de atuação e as principais possibilidades de especialização para quem opta por essa carreira?

As áreas de atuação para os produtores culturais são muito diversificadas. Elas passam por produção executiva de eventos, projetos e espaços culturais; gestão financeira; captação de recursos; *marketing* cultural; prestação de contas; entre outras. Eu, por exemplo, já trabalhei na produção executiva de festivais de cinema, cursos de História da Arte e viagens culturais; prestei consultoria na elaboração, captação de recursos e gestão financeira de projetos; atuei na administração financeira de projetos de institutos do terceiro setor, e na captação de recursos e coordenação de projetos socioculturais em ONGs. Com isso, é possível perceber a amplitude do mercado de trabalho para essa área. As possibilidades de especialização também são diversas e devem estar de acordo com a área de atuação e interesse do profissional. É possível especializar-se em gestão de pessoas, projetos sociais, economia da cultura, *marketing*, direito autoral, gestão cultural, acervo, gestão pública, comunicação etc.



Peopleimages/Stockphoto.com

Equipe *LA*: Em qual dos setores há mais possibilidades de atuação para o produtor cultural: no público ou no privado? Por quê?

Há boas oportunidades para o produtor cultural tanto no setor público quanto no privado. Mas, em termos quantitativos, há mais ofertas no setor privado, talvez porque haja mais recursos disponíveis e maior

reconhecimento da profissão. É possível atuar em produtoras e consultorias privadas, emissoras de televisão, grandes empresas privadas patrocinadoras de projetos, mas também em ONGs, secretaria de cultura e até na área acadêmica.

Equipe LA: Durante a graduação, o estudante precisa fazer estágios? Como ingressar no mercado de trabalho?

Geralmente, o estágio não é obrigatório para a conclusão da graduação, mas acredito que seja de extrema importância, já que é por meio dele que adquirimos experiência e temos a possibilidade de ingressar efetivamente no mercado de trabalho.

Equipe LA: Qual é a diferença entre as modalidades tecnólogo e bacharelado em Produção Cultural?

Enquanto o bacharelado oferece uma formação mais ampla e com duração média de quatro anos, o tecnólogo é voltado às demandas do mercado, oferecendo disciplinas mais relacionadas à prática da profissão, e tem duração de, aproximadamente, dois anos.

Equipe LA: Existe diferença entre o gestor e o produtor cultural?

A gestão cultural pode ser entendida como uma área em que convergem planejamento e operacionalização, além da mediação de processos de produção material e imaterial de bens culturais e de agentes sociais diversos. Essa mediação busca estimular os processos

de criação e de fruição de bens culturais, bem como as práticas de coesão social e sociabilidade. É importante ressaltar que a organização da cultura enquanto campo profissional é recente e, por isso, trata-se de um saber ainda em construção. Assim, não há um conceito único e definido sobre a gestão cultural, nem mesmo um consenso sobre a diferenciação entre produção e gestão cultural ou sobre o fato de existir uma diferença. Essa indefinição não é apenas uma questão de nomenclatura e tem se tornado um tema relevante, pois passou a ser uma discussão de posicionamento no próprio mercado de trabalho e nas questões relativas à formação dos profissionais. Essa distinção pode ser considerada um reflexo da realidade vivida pelos novos e futuros trabalhadores dessa área, já que, de maneira geral, entende-se que o produtor atua na execução das atividades, enquanto o gestor trabalha no âmbito das ações estratégicas. No entanto, apesar de serem vistos como campos de atuação diferentes, eles se misturam no que diz respeito à ocupação dos espaços de atuação e, principalmente, em relação aos saberes desenvolvidos em cada profissão.

Equipe LA: Para ser um produtor cultural, é necessário conhecer a legislação do país relacionada à cultura? Qual sua opinião sobre o papel do poder público na produção cultural?

Muitas produções são viabilizadas pelas leis de incentivo à cultura, as quais possuem especificidades que devem ser compreendidas e atendidas por quem



CasarsaGuru/Stockphoto.com

as utiliza. Por isso, é muito importante que o produtor cultural tenha conhecimento sobre a legislação do país relacionada à cultura.

Além disso, é dever do poder público garantir o exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura por todos os cidadãos, além de apoiar e incentivar a valorização e a difusão das manifestações culturais. Dessa maneira, é necessário que o governo desenvolva e mantenha um conjunto de ações, denominado políticas culturais, que seja contínuo, efetivo e garanta o cumprimento dos deveres junto à sociedade.

Equipe LA: Atualmente, mais da metade das residências brasileiras têm acesso à internet e muitos jovens estão presentes na rede. Em que medida a internet contribui para a divulgação e a distribuição das produções culturais?

O potencial da internet para ampliar as produções culturais pode ser percebido pela maior disponibilidade de bens culturais e pela flexibilidade nas formas de acesso aos conteúdos *online*, que não dependem de horários definidos ou do acesso a determinados locais, funcionando também como alternativa à baixa oferta cultural em algumas localidades. Além disso, a internet contribuiu para a diminuição das fronteiras entre criação, produção e consumo, influenciando as etapas

de produção e trazendo à tona uma lógica diferente nesses processos.

É importante ressaltar que a internet não deve ser vista como solução para os problemas de desigualdade no acesso à cultura, já que, se por um lado se abre um mar de possibilidades, para outros que não têm acesso à rede ou conhecimento para utilizá-la, a distância se torna ainda maior.

Equipe LA: Na sua opinião qual é a importância das atividades culturais para o desenvolvimento da sociedade?

A questão cultural hoje norteia muitas discussões sobre o mundo contemporâneo. Entendida como um conceito amplo, a cultura engloba não apenas as manifestações artísticas ou intelectuais e o patrimônio, mas o esporte, o lazer, o bem-estar, a cidadania, o imaginário, a fantasia, a autoestima, a memória, a tradição e o futuro. É necessário entendermos a cultura enquanto parte do processo de desenvolvimento humano e não somente como resultado deste. Ter a cultura como experiência estética que capacita o imaginário criativo do indivíduo para compreensão e apreensão das formas de expressão artísticas e culturais. Cultura vai além dos projetos socioculturais e de preservação do patrimônio histórico, além do entretenimento das políticas de pão



monkeybusinessimages/istockphoto.com

e circo. Cultura é um direito humano que compreende a sociedade participativa como produtores de cultura, e gestores e agentes como mediadores de processos culturais e fomentadores de identidades.

Acredito que há duas abordagens relacionadas à cultura que podem ser destacadas: cultura como ferramenta de desenvolvimento econômico, já que os recursos aplicados à cultura, de quaisquer ordens que sejam, são investimentos, movimentam a economia, geram ocupação, renda e desenvolvimento; e cultura como alavanca para a transformação social, pois a atenção voltada para a cultura é base para melhoria no desenvolvimento em educação, saúde, produção de bens e serviços e gestão das cidades.

Assim sendo, com base nas experiências que tive ao longo dos últimos anos, pude perceber e reiterar a minha visão de que a cultura está no centro das questões relativas à redução da pobreza, bem como da melhoria da qualidade de vida na sociedade.

Equipe LA: Geralmente, os eventos culturais no Brasil custam caro e ficam restritos a um público selecionado. De que maneira o produtor cultural pode contribuir para a democratização da cultura?

Há algum tempo, a oferta de eventos e projetos culturais gratuitos ou com preços acessíveis vem crescendo bastante, até porque muitas vezes essa é uma contrapartida obrigatória a ser oferecida pelo projeto. As leis de incentivo à cultura, que ainda hoje são a principal fonte de financiamento de projetos no Brasil, obrigam que sejam oferecidas ações de democratização e acessibilidade.

Temos exemplos como os centros culturais do Banco do Brasil, da Caixa Econômica, do SESC, que sempre oferecem opções de altíssima qualidade a um preço popular ou muitas vezes gratuitas. Mas nem todas as cidades e regiões contam com essas opções, então cabe ao produtor cultural, ao elaborar um projeto, pensar nas estratégias para que a democratização seja cada vez mais ampla e universal.

Equipe LA: Quais são os principais desafios que o produtor cultural enfrenta no dia a dia da profissão e no mercado de trabalho?

O bacharelado em Produção Cultural é um curso relativamente recente, o da UFF foi o pioneiro, criado em 1996. Assim, quando falamos de uma área profissional

institucionalizada há tão pouco tempo, é natural que ainda haja desconhecimento e dúvidas.

Há um grande potencial na área, a cultura ganhou visibilidade e com isso começaram a surgir novas demandas, mas isso não significa que os bacharéis em Produção consigam, em sua totalidade, ocupar cargos significativos, colocar em prática seus conhecimentos ou participar de concursos públicos que sejam da sua área. Há ainda alguma dificuldade de inserção no mercado, até mesmo pela falta de reconhecimento do curso e da profissão, principalmente fora dos grandes centros como Rio e São Paulo.

Nesse sentido, outra questão bastante recorrente é sobre o embate entre as pessoas que já estão há muito tempo no mercado desenvolvendo atividades ligadas à área cultural, mas que não possuem uma formação específica, *versus* esses novos e futuros profissionais, com uma formação em Produção Cultural. Há espaço para todos? Esse novo campo de formação deve ser excludente? Quem está apto a trabalhar com a produção e gestão da cultura? Quanto vale o diploma de Produção Cultural? Como conquistar novos espaços? Esses questionamentos são importantes e mostram a efervescência do momento que estamos vivendo na área.

Equipe LA: Por que você recomendaria essa carreira?

Pra mim, o mais fascinante nessa carreira é a possibilidade de estar em contato com produções e linguagens culturais e viver, na prática, o potencial transformador da cultura na sociedade.

Acredito que seja um pouco sobre como fazer a diferença no mundo através da arte e da cultura, fazendo aquilo que se gosta.



Peopleimages/Stockphoto.com

Museu do Ipiranga, fechado desde 2013, em São Paulo.

filipehazao/Stockphoto.com

A importância dos museus na preservação da identidade cultural

Por Edilene Faria

Pertencer a uma nação, reconhecer-se e ter uma identidade cultural são desejos de todos nós. Nessa busca, deixamos uma marca por onde passamos, agregando e dividindo valores e costumes. Foi o que ocorreu, por exemplo, com os povos que vieram ao Brasil no começo do século XX em busca de trabalho e de oportunidades. Italianos, espanhóis, japoneses e alemães trouxeram na bagagem suas peculiaridades, da gastronomia ao vestuário, da agricultura à arquitetura.

Em um contexto diferente, e com uma vinda forçada, podemos dizer que o mesmo aconteceu antes com os africanos, que tanto contribuíram com a cultura brasileira, na religião, na língua, na dança e em tantas manifestações folclóricas.

Hoje, somos um país gigante em território e em pluralidade. Podemos perceber essa variedade cultural comparando as festas populares, os sotaques, a comida e o modo de vida tão peculiares em cada canto do país. Mas, como preservar tanta diversidade por mais tempo?

Uma forma de condensar um pedacinho de cada cultura é criar e conservar os museus. No Brasil, existem mais de três mil locais desse tipo, com as mais variadas temáticas, que vão da arte à tecnologia futurista. Estão também nesses espaços preciosidades que permanecem em solo tupiniquim há milhares de anos: fósseis, utensílios, documentos.

Infelizmente, nem sempre essa riqueza histórica é preservada. Temos os exemplos recentes de museus inteiros incendiados, como ocorreu com o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em 2018, e com o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, em 2015. No caso deste, os estragos, embora enormes, puderam ser reparados, devido ao acervo digital e à temática imaterial. Além disso, parte da reforma do prédio histórico está sendo financiada por uma empresa privada, a

mesma que anunciou, em janeiro passado, um investimento de R\$ 12 milhões na restauração do Museu do Ipiranga, fechado desde 2013.

Já com relação ao Museu Nacional, as perdas são irreparáveis: o prédio, com mais de 200 anos, abrigava a maior parte de um acervo de 20 milhões de peças, entre elas fósseis, múmias, obras de arte e livros históricos. Após o incidente, denúncias apontaram que o museu estava abandonado. De acordo com um levantamento feito pelo portal de notícias G1, por exemplo, o museu perdeu R\$ 336,3 mil em investimentos entre 2013 e 2017.

Também depois da tragédia, uma reportagem da *Folha de S. Paulo* denunciou o abandono de outros quatro museus e dois arquivos nacionais do Rio de Janeiro, que não tinham auto de vistoria do Corpo de Bombeiros para funcionar. O jornal *El País* também listou, no ano passado, 14 espaços públicos brasileiros com problemas, entre eles museus incendiados ou fechados, casarões históricos demolidos e prédios tombados com sérios riscos estruturais.

Com tanta riqueza inacessível, o público acaba deixando de conhecer e valorizar sua história, e fica mais difícil compreender a importância de nosso passado e de nosso presente. De que forma, então, poderíamos deixar heranças culturais e científicas para o futuro?

Além de cobrar o poder público, podemos percorrer caminhos mais simples, como acompanhar, em nossa cidade, o que está sendo feito para manter bibliotecas e pequenos museus em funcionamento. É possível ajudar em projetos de leitura, em oficinas de arte, em mutirões de reforma e na divulgação desses espaços, propagando sua importância e conscientizando quem ainda não tem acesso a eles. Dessa forma, deixamos a tal marca, mesmo que simples, em nossa história.

Mosaico Cultural

A VIDA É UMA FESTA: A TRADIÇÃO DO MÉXICO DE CELEBRAR OS MORTOS

Animação mostra em detalhes como os mexicanos comemoram a visita de seus antepassados no dia dos mortos, feriado que evidencia a identidade cultural do país.

Desenhos animados que se passam em universos fantásticos ao som de músicas cujos refrões ocupam nossos pensamentos por muito tempo... há quem ainda pense que as animações são feitas exclusivamente para o entretenimento do público infantil, mas não é de hoje que elas têm um propósito muito maior do que esse. Mais do que estimular o imaginário de crianças e jovens, diversas animações nos apresentam culturas e povos distintos, tornando-se uma importante fonte de conhecimento.

Uma das mais recentes produções da Pixar, o longa *Viva – a vida é uma festa* é inspirado no “Día de los Muertos”, feriado mexicano que celebra a vida das pessoas que já se foram. O filme conta a história de Miguel, um menino que sonha em ser músico, mas é impedido por seus familiares. Assim, para participar de uma competição musical, ele tenta pegar um violão emprestado do túmulo de um famoso cantor, mas algo dá errado e ele vai parar na Terra dos Mortos, onde encontra seus antepassados.

No México, o dia dos mortos é comemorado entre 31 de outubro e 2 de novembro. Embora esta última data coincida com o dia de Finados no Brasil, o modo como se celebra esse feriado nos dois países é muito diferente. Enquanto, no Brasil, esse é um dia melancólico dedicado às orações para que as almas dos mortos descansem em paz, no México, essa é uma ocasião festiva em que, segundo a crença, todas as almas retornam para a terra a fim de encontrar seus entes queridos.

Assim, para receber seus antepassados, os vivos montam altares com comidas e bebidas de que eles gostavam, além de fotografias e enfeites típicos dessa data, como uma flor amarelada chamada “flor de morto” e as famosas Catrinas, caveiras coloridas enfeitadas com chapéus – itens decorativos muito presentes na cultura mexicana. Há, ainda, outros aspectos típicos do México que enriquecem essa obra cinematográfica; um deles é a aparição de personagens icônicos do país, como a pintora Frida Kahlo e o lutador mascarado El Santo.

Tudo isso é mostrado com detalhes na animação, permitindo-nos compreender a relação que essa sociedade estabelece com a morte e a importância que dão para sua cultura e suas raízes. Assim, o filme não nos deixa apenas uma mensagem emocional sobre a valorização da família; ele nos ajuda a compreender a formação e a história de um povo.

INFO: *Viva – A vida é uma festa*. Direção: Lee Unkrich, Adrian Molina. Estados Unidos, 2017.



• A G E N D A •

VÍDEO

Rebirth is necessary

➔ até 24 de março.

ONDE: Masp, São Paulo.

Vídeo da cineasta anglo-nigeriana Jenn Nkiru, de estilo ágil e de grande apelo visual, que agrupa imagens de arquivo, trechos de outros filmes e músicas. O trabalho apresenta uma visão exuberante sobre a negritude e as formas de resistência política e cultural. O vídeo integra o ciclo *Histórias das mulheres, histórias feministas* do Masp.

INFO: <masp.org.br>

DESIGN

Ruy Ohtake: O design da forma

➔ até 14 de abril.

ONDE: Instituto Tomie Ohtake, São Paulo.

O Instituto exhibe uma coleção de projetos idealizados durante toda a carreira do arquiteto e *designer* de móveis, destacando a inventividade ímpar do criador. A mostra traz 25 peças de mobiliário, objetos e materiais de acabamento criados por Ohtake. A exposição tem ainda desenhos, modelos volumétricos e vídeos.

INFO: <institutotomieohtake.org.br>

MÚSICA

Improfest encruzilhada

➔ 16 de março.

ONDE: Casa das Rosas, São Paulo.

Apresentação de um item do Festival Internacional de Improvisação e Arte Sonora, com Rodrigo Brandão e Leandro Archela. Um poeta convidado realiza uma leitura performática de poemas enquanto um músico executa peças concebidas no momento exato da leitura, propondo a encruzilhada entre o improviso musical e a prática do *spoken word*.

INFO: <casadasrosas.org.br>

ARTES PLÁSTICAS

Equilíbrio Instável

➔ até 29 de abril.

ONDE: Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo.

O Centro Cultural exhibe mais de 100 obras do suíço Paul Klee (1879-1940). A mostra foi preparada especialmente para o público brasileiro. São 16 pinturas, 39 papéis, 5 gravuras, 5 fantoches e 58 desenhos, além de objetos pessoais do artista. Klee transitou por diversos estilos, como o Cubismo, o Expressionismo, o Construtivismo e o Surrealismo.

INFO: <culturabancodobrasil.com.br>

#FICADICA



Human (Humano – uma viagem pela vida). Direção: Yann Arthus-Bertrand, 2015.

Com mais de duas mil entrevistas feitas em 60 países, o documentário mostra a essência de ser humano. Cada pessoa entrevistada conta histórias de amor, de pobreza, de fome, de violência e de felicidade, em um choque de culturas impressionante. Em meio às falas, há imagens que traduzem a realidade de vários países, em um trabalho que durou três anos.



Elizabeth Gilbert. *Comer, rezar, amar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

No livro, Liz Gilbert viaja por três culturas peculiares. A obra descreve seu passeio pelos prazeres da Itália, visita o cenário religioso em um ashram na Índia e se finda na Indonésia, mostrando seu povo simples e sábio. O filme homônimo traduz esses detalhes em imagens que demonstram a cultura de três povos que têm muito a nos ensinar.



Daughters of Destiny. Direção: Vanessa Roth, 2017.

Nascer mulher e pertencer aos dalits, a casta mais baixa da Índia, pode ser sinônimo de pobreza e rejeição, mas uma escola está mudando essa realidade. Nesta série documental, conheça Shanti Bhavan e cinco meninas que mostram o poder da educação em um país que ainda tem muitos desafios socioeconômicos e uma das maiores populações do mundo.



Sebastião Salgado. *África*. Taschen do Brasil, 2007.

O fotógrafo brasileiro mais famoso no mundo desvenda as belezas e as misérias da África em 221 fotos que registrou ao longo de 34 anos. As imagens mostram cenas de três regiões africanas – Sul, Grandes Lagos e África Subsaariana – e nos ajudam a entender as consequências da colonização e os efeitos das crises econômicas, sociais e ambientais nesse continente.